

sábado, 9 de janeiro de 2010

ASSOCIAÇÃO

Caros Colegas.

É uma união de pessoas com objetivos comuns. É, também, uma organização, uma liga, uma combinação.

Muitas são as definições para o termo. Porém poucos são os dirigentes com assentos garantidos como tais que atentam para esses princípios básicos.

Dirigir uma Associação é trabalhar individualmente apoiando-se em seus pares para defender o coletivo, formando, desse modo, uma associação de poucos para gerir uma Associação de muitos. Por isso o dirigente não pode ser político nem atuar politicamente. Ele tem que exercer sua função como se defendesse com denodo seus próprios interesses, pouco importando se fere suscetibilidades políticas de outrem, ou de si mesmo. Ali ele não é um indivíduo – é um coletivo. Ele não pode esquecer que o voto recebido do associado lhe foi destinado como procuração representativa de uma individualidade. O eleitor, não podendo ele mesmo assumir os poderes de dirigente, dá seu voto confiando que será dignamente representado e que seu representante agirá, sempre, como se fosse ele próprio, assumindo os riscos do desgaste físico, do desgaste da imagem, do intelecto e de ruptura de vínculos interesseiros – enfrentando e vencendo obstáculos.

Ao associado não adianta pedir reparação de direitos feridos, diretamente às Organizações que são pagas para consubstanciar sua assistência social (de previdência ou de saúde - PREVI ou CASSI, no nosso caso), porque quase sempre é tratado com descaso. Essas poderosas Organizações o têm, e dele cuidam, como se fora um simples número, cujo significado somente lembra a cifra que representa para os seus cofres, ou serve para encher de votos as urnas que beneficiem protegidos sob o seu manto.

Mas, se emanadas de uma Associação, essas mesmas reclamações merecerão tratamento condizente com o potencial representativo dessa classe. É que aí entra o lado político da coisa e, deste modo, voltamos ao início deste arrazoado; os dirigentes, eminentemente políticos, só se dão ao trabalho de sanar irregularidades em seus domínios, ou delas cuidar, se o não atendimento aos pleitos se constituir em ameaça para suas metas futuras - dependentes de votos dos beneficiados por suas “desinteressadas” providências.

Pensando nisso, de nada adianta formarmos uma associação com visão política e dirigida por políticos. Nossa Organização é destinada à composição de um grupo homogêneo, com necessidades comuns o que facilitará, em muito, a concordância para adoção de medidas que beneficiem a todos.

Todavia, temos que ter o duplo cuidado de formar uma associação com Estatuto isento de conotações políticas, em harmonia com o que queremos, e nela colocar dirigentes apolíticos – com o trabalho individual direcionando resultados à coletividade que representem. Pensemos nisso e olhemos com cuidado a formação do Estatuto da nossa Associação e do seu corpo diretivo. Nós queremos e nós podemos conseguir um feito que contemple todo o grupo do Plano de Benefícios nº1. Não dá mais para vivermos num clima de cada um por si, alimentando facções dissidentes como se fôssemos inimigos. Nós somos originários de uma grande família, bastante unida na juventude do trabalho produtivo. Por que agora, na velhice, essa família se digladiada na busca de direitos comuns? Façamos da família lembrada dos bons

tempos do Banco do Brasil a família para ser lembrada amanhã, como a dos bons tempos do PB1. Tempos que começam agora.

Marcos Cordeiro de Andrade – Curitiba (PR) – 10/01/10.

Postado por Marcos Cordeiro de Andrade às 17:35 

48 comentários:
